

# Batalha de Símbolos

## A GUERRA FRIA NO CINEMA

"A guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida."

(Thomas Hobbes)

ANELISE ALVES, FERNANDA BRITO E ROSANA FARIAS

No ano de 1947, iniciava-se uma guerra que, pensavam os contemporâneos da época, jamais teria fim. Não dizimou populações ou destruiu civilizações, mas foi uma incessante disputa entre ideologias, por riqueza e poder, que durou 40 anos.

Com o fim da insanidade nazista e com quase todas as grandes nações antes poderosas devastadas pelo caos, sobreviveram duas potências que tentaram reerguer a economia mundial e promover a recuperação dos demais territórios; duas nações inigualáveis, inatingíveis e, principalmente, imprevisíveis: EUA e URSS.

A chamada Guerra Fria, segundo os historiadores, começou com a Doutrina Truman em 1947, e teve fim em 1987 com a Conferência de Washington. Ela marcou a disputa entre dois campos econômicos e ideológicos completamente distintos: o Socialismo e o Capitalismo, cada um deles buscando a hegemonia, para que pudessem eliminar seu oponente.

Esta disputa teve muitos traços simbólicos, marcando uma era na qual o fortalecimento bélico expunha a força e a capacidade de cada um dos concorrentes pelo poder mundial. Contudo, apesar do intenso desenvolvimento tecnológico, essa batalha era muito mais abstrata, visto que seria impossível mostrar, na



Crise Cubana: um dos momentos críticos da Guerra Fria

prática, quem possuía o maior poder de destruição.

Durante duas décadas, as pessoas viveram cada minuto com a impressão de que o céu poderia desabar sobre suas cabeças a qualquer momento, e de que EUA e URSS poderiam, realmente, se autodestruir, e levar toda a população do planeta consigo.

Foi uma época angustiante, cheia de acusações que culminaram em ressentimentos que persistem até hoje. Enquanto a União Soviética, como uma grande nação socialista, não mais

existe, o Capitalismo norte-americano sobrevive, mas com outros conflitos e "inimigos".

### **Espionagem e suspense**

"Não se vence uma guerra somente no campo militar. É preciso vencer também na mídia", explica a professora do Departamento de História da PUC-Rio, Adriana Viana. O cinema, sendo um importante veículo de comunicação de massa, teve um papel significativo na Guerra Fria.

O que James Bond e Rocky

Balboa têm em comum? São personagens de filmes que tiveram como contexto alguns importantes episódios da Guerra Fria. Bond, o agente 007, de Ian Fleming, conquistou gerações com a sua perspicácia e poder de sedução. Aliado a inventos poderosos, resolvia muito bem suas missões, que, por diversas vezes, resumiam-se a salvar o mundo da ameaça de ser destruído por armas nucleares.

Foi assim nos filmes 007 Contra a Chantagem Atômica e Moscou contra 007, ambos com Sean Connery no papel do agente inglês. No primeiro, a missão do espião era resgatar duas bombas atômicas roubadas por uma organização de mafiosos que ameaçavam detonar Miami. Em *Moscou contra 007*, a situação era aparentemente mais simples: impedir que a mesma organização do filme anterior roubasse um aparelho capaz de captar os sinais mais imperceptíveis.

O clima de tensão e mistério, que fazia parte do próprio contexto da época, também contribuía para que os filmes tivessem uma atmosfera fantástica. Além disso, as soluções encontradas para resolver questões de tamanha importância eram tão absurdas, que, por segundos, até seríamos capazes de nos perguntar se aquela disputa entre EUA e Rússia era mesmo real.

Era impossível ignorar o que estava acontecendo. E os cineastas queriam encontrar uma maneira de mostrar os fatos sem deixar de despertar o interesse do público. Afinal, cinema também é entretenimento. A espionagem, um dos maiores símbolos dessa guerra, foi muitas vezes a temática preferida para ilustrar a "corrida" entre as duas potências pela dominação de partes do mundo. Através da espionagem era possível roubar os segredos do adversário e, assim, consolidar sua própria força.

E nem o mestre do suspense, Alfred Hitchcock, ficou de fora. Ao mexer com o comportamento muitas vezes mesquinho da humanidade – como de costume – usou a espionagem na articulação das intrigas em *Topázio* e em *Cortina rasgada*.

Baseado na novela de Leon Uris, *Topázio* se passa em 1962, ano da famosa crise EUA x Cuba, em que foram instalados mísseis soviéticos em Cuba apontados para os EUA. Toda a tensão de se ter um país socialista no "pé" da potência capitalista é retratada no filme.

A novela, na época, foi um escândalo internacional, pois denunciou uma rede de espionagem infiltrada nos altos escalões do governo francês trabalhando a favor dos soviéticos com a ajuda e conivência das altas personalidades gaulesas.

### Briga dentro e fora do ringue

Escrito e dirigido por Sylvester Stallone, *Rocky IV* trabalha com símbolos das duas potências o tempo todo. A começar pela abertura do filme: duas luvas de boxe, uma americana e a outra soviética, que se chocam e se destróem. O imaginário do filme é o de que, no mundo, só existiam dois lados: o branco, representado pelas Nações Unidas e liderado pelos EUA e o vermelho, liderado pela URSS e representado pelos países do bloco socialista.

A luta, como disse um dos personagens, era mais do que uma exibição do esporte. Assim como a corrida armamentista, a vitória no esporte significava ser mais capaz, ter mais força, determinação e resistência.

Apesar da sua brutalidade e de toda ajuda tecnológica fornecida pelos vermelhos, o russo, Ivan Drago, não consegue vencer a experiência e a simplicidade do americano Rocky Balboa. Um final emocionante, não? Pode até ser. Não é à toa que o filme, exibido em 1985, apenas quatro anos antes do fim da União Soviética, bateu recorde de bilheteria. No entanto, para o professor de História do Cinema Mun-

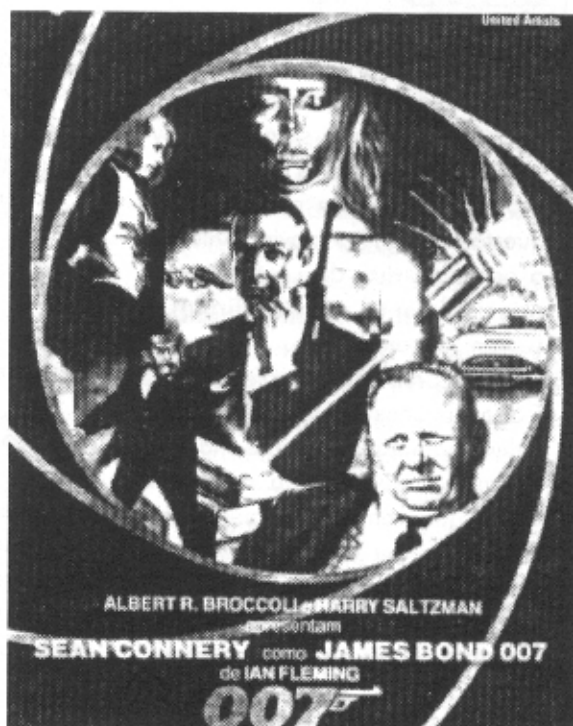
dial da UFF, José Carlos Monteiro, não é o aspecto ideológico que se destaca.

Segundo o professor, *Rocky IV* é apenas um filme hollywoodiano que se detém ao "show business", e não à discussão da Guerra Fria. "A Guerra é usada apenas como pano de fundo", explica.

"Show business" ou não, o que importa é o fato de que os símbolos da Guerra Fria estiveram muito presentes no cinema dessa época. São muitos os filmes que discutem ou apenas mencionam o tema – até *Highlander* explora a rixa entre americanos e soviéticos.

Durante 40 anos, o mundo viveu na expectativa inútil e até mesmo absurda de ser destruído a qualquer momento, já que nenhum dos dois lados cometeria suicídio. Uma questão que vai ser observada logo depois do fim dessa disputa em muitos filmes, principalmente os de comédia, como *Operação Canadá*. O filme conta que, na falta de inimigos, e com armamento de sobra, os EUA decidem eleger o Canadá como seu novo inimigo.

### A mídia foi usada na Guerra Fria como mais uma das armas dos dois pólos de poder



## Cinema: uma das armas dessa guerra

A Guerra Fria foi representada na mídia de diversas formas e em diversos meios, tais como teatro, televisão, literatura e inclusive cinema. A produção cinematográfica era muito importante nesse período, justamente por ser um tempo em que ainda se estava elaborando um entendimento, uma nova forma de compreender e de pensar o mundo, marcado pela

construção de áreas de influência e de hegemonia.

De uma forma bastante simplória, a maioria de nós aprendeu que, no período pós-guerra, o mundo se dividiu em um bloco capitalista e um bloco socialista, esquecendo as áreas de maior complexidade e instabilidade, e os países que passavam efetivamente por uma transição. Diante dessa situação, os meios de comunicação de massa buscavam, no mínimo, atrair sim-

patizantes das diferentes estruturas estabelecidas.

Segundo a professora Adriana, no caso americano, esse lado ideológico da produção cultural relacionada à Guerra Fria, foi importante porque "ajudou a arrumar simbolicamente as relações de política, externa e internamente". Para ela, o cinema faz parte de uma indústria cultural, e como todo produto de massa, "tem um lugar significativo na constituição de um imaginário coletivo".

## Caça às bruxas

Nos EUA, o comunismo não era visto só como um fantasma externo, mas também como um inimigo que tinha que ser combatido internamente. Para isso, foi criado o Comitê de Atividades Antiamericanas, que visava a fiscalizar toda espécie de trabalho ou manifestação ideológica de esquerda. O Macarthismo (nome dado a essa política) desencadeou uma verdadeira "caça às bruxas".

Intelectuais, artistas e até mesmo funcionários do Governo – considerados inimigos do sistema – foram perseguidos. O resultado disso foi que muitos dos componentes dessa "lista negra" tiveram que mudar de nome e até mesmo sair do país.

Dos estúdios cinematográficos também era cobrada uma postura de colaboração com o sistema. Hollywood se encontrava obrigado a produzir filmes que retratassem a questão do conflito (obviamente sob o ponto de vista do capitalismo) e principalmente para reafirmar a supremacia americana.

De acordo com o professor José Carlos, poucos foram os filmes que defenderam explicitamente o ideário liberal e individualista dos EUA. Desses que eram explicitamente anti-comunistas, ou seus diretores acreditavam firmemente no sistema, ou simplesmente os estúdios precisavam amenizar a pressão dos poderosos,

*NÓS SOMOS O MUNDO LIVRE! DEFENDEMOS A LIBERDADE INDIVIDUAL E A DEMOCRACIA. AQUI, AS PESSOAS NÃO SÃO PRESAS POR DISCORDAR DO GOVERNO NEM O ESTADO É O DONO DE TUDO. TODOS TÊM IGUAIS OPORTUNIDADES DE ALCANÇAR O SUCESSO E A FORTUNA. A CONCORRÊNCIA ESTIMULA O PROGRESSO. REJEITAMOS UMA IGUALDADE UTOPICA QUE MATA A LIBERDADE! O SOCIALISMO É UM PESADELO QUE SE TRANSFORMOU NUM GRANDE FRACASSO.*



*SUA DEMOCRACIA É UMA DITADURA DE MILIONÁRIOS DISTARÇADA! O SOCIALISMO ACABOU COM A MISERIA QUE É TÃO COMUM NO CAPITALISMO. NÃO SOMOS IMPERIALISTAS COMO VOCÊS. AJUDAMOS TODOS OS POVOS QUE LUTAM POR SEUS DIREITOS. PORQUE SO EXISTE LIBERDADE QUANDO HÁ IGUALDADE E FRATERNIDADE. O CAPITALISMO ESTÁ EM CRISE E VAI ACABAR! TRABALHADORES DO MUNDO INTEIRO: UNI-VOS!*

afinal, a não colaboração podia ser considerada um desacato ao Congresso. "Por sorte", diz ele, "os chefões dos estúdios achavam chato tratar de assuntos políticos, pois isso não garantia o êxito de bilheteria. Era preferível passar a sua mensagem através de manifestações bem típicas de Hollywood, como os gêneros western, policial, ficção científica, melodrama", completa José Carlos.

A idéia era construir uma narrativa na qual os personagens caracterizassem sempre dois lados opostos. Então, toda uma atmosfera de conflitos era criada para que a mensagem fosse absorvida.

### **Corações e mentes**

"A sociedade americana sempre foi muito fechada. Por isso, tudo que é diferente provoca uma reação agressiva", afirma Monteiro. Essa é uma questão cultural diversas vezes reafirmada através do cinema.

Sendo assim, o mesmo pode ser verificado com questões políticas, no caso, capitalismo x socialismo, ou ainda, mais diretamente, EUA x URSS. "É fácil para o espectador ser convencido de que o estranho é também o perigoso", declara o professor.

Monteiro acredita que o cinema é capaz de influenciar comportamentos e formas de encarar a realidade. Por isso, não poderia deixar de ser "instrumentalizado" pelo sistema capitalista ocidental americano, que via nas imagens em movimento, nas narrativas, modos eficazes de dar o seu recado".

O cinema, como dizem, "faz corações e mentes", é um poderoso mecanismo de ideologia. Entretanto, não se deve ter uma visão maniqueísta a respeito de seu papel. Não se pode ser ingênuo a ponto de enxergar, em cada filme, o desejo perverso de manipular as mentes dos espectadores.